

Ilha Käio | 15°45'18.6"S 47°50'47.0"W

Caio Sato Schwantes¹



Figura 1 - Ilha Käio vista do espaço. acervo do autor

Este artigo assim como o objeto ao qual trata – a ilha – é circular, não é grande demais e termina antes que possa ser confundido com um continente, de corpo mais extenso.

A Ilha Käio é um pequeno monumento que flutua nas águas do lago Paranoá, cuja matéria é o próprio paradoxo: simultaneamente isolada e conectada, é importante pela sua desimportância e grande pela sua pequenez. (LEMOS apud. SCHWANTES, 2019, p. 77)²

¹ Caio Sato Schwantes é mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília – PPGAV/UnB na linha de Deslocamentos e Espacialidades e está cursando a licenciatura na mesma instituição. Pesquisa a relação entre Arte e Ficção, além de temas complementares como a ‘Patafísica e seus desdobramentos poéticos.

² Esse e outros textos que aparecem neste artigo sobre a ilha Käio foram coletados a partir de relatos e publicados dentro da monografia *ARTE E FICÇÃO: Especulação, ‘Patafísica e Utopias*. Nos referiremos aos autores desses fragmentos na nota de rodapé. LEMOS se refere a Mile Lemos.

Italo Calvino - na pele de Marco Polo - acidentalmente narrou um pouco sobre a Ilha Käio em cada história que contava a Kublai Khan em sua ficção *As Cidades Invisíveis*. De fato, o autor não pode ser culpado por afirmar que fala de Veneza - a Ilha Käio da qual ele realmente estaria narrando só apareceria alguns anos após a publicação de 1972 do livro italiano. De qualquer modo, fazemos aqui essa reparação.

Vejamos a exemplo disso, a cidade de *Despina*. Ela se apresenta de forma diferente para quem chega por terra ou por água, ora, a Ilha Käio também! Ao se chegar por terra, a Ilha parece afastada do continente: é possível ver a água que a circunda, reconhecendo-a realmente como ilha - e a ponte que une os dois lados aparenta ser longa.. parece ainda mais longa quando balança suavemente com a pressão dos pés que ousam atravessá-la. A ponte é uma corda que prende a ilha-embarcação ao cais, e, se porventura, essa corda arrebitasse, a Ilha seria levada pelo vento. Permitir-se-ia ficar a deriva pelo lago até ser resgatada e amarrada à terra firme novamente.

Por sua vez, quem se aproxima da Ilha via lago pensa ver não uma ilha, mas uma península que se estende da terra continental: a vegetação verde se confunde com os gramíneos do outro lado da ponte - ponte, aliás, que sequer é vislumbrada. Para quem a vê do lago, essa península está com seus dias contados, a água dissolverá as pedras grão a grão, e tragará o resto até não existir mais nenhuma saliência. Passados os anos, a península tragada viraria uma baía, a ilhota que existiu ali teria viajado continente adentro.

Adorariamos seguir com os comparativos, por exemplo, como a sequência de objetos e monumentos da Ilha impregnam na memória ponto a ponto apesar de não demonstrarem particular beleza ou raridade - a ilha por esse ângulo lembra a memorável cidade de Zora. Ainda seria possível compará-la à Armila ao se deparar com seus vestígios, sem saber se não está finalizada ou apenas demolida.

Poderíamos nos prolongar nas semelhanças e analogias entre a Ilha e as cidades compostas de tinta e papel de Calvino, mas não acreditamos que seria frutífero ao leitor apontarmos o óbvio, assim, tomaremos apenas como mote inicial para provocar a escrita deste texto.

Muito se especula sobre a formação insular, o próprio Deleuze (em um movimento muito próximo ao de Calvino por desconhecer a Ilha Käio) explica as duas formações possíveis de uma ilha:

Os geógrafos dizem que há dois tipos de ilhas. [...] As *ilhas continentais* são ilhas acidentais, ilhas derivadas: estão separadas de um continente, nasceram de uma desarticulação, de uma erosão, de uma fratura, sobrevivem pela absorção daquilo que as retinha. As *ilhas oceânicas* são ilhas originárias, essenciais: ora são constituídas de corais, apresentando-nos um verdadeiro organismo, ora surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las. (DELEUZE, 2014 p.17)

Incluiríamos nestas definições, as *ilhas artificiais*³, criadas por humanos com intuitos bem específicos. Não que as Ilhas artificiais sejam uma categoria à parte, elas podem facilmente ser classificadas como Ilhas continentais ou ilhas oceânicas - por serem escavadas ou se elevarem do leito oceânico, mas as *ilhas artificiais* ressaltariam esse aspecto de que foi criada, assim como os lagos artificiais, construídos a partir de barragens.

O pensar-ilha - assim como a mancha gráfica que finaliza um texto - é pontual, assinala apenas uma coisa por vez, e, a partir do momento que ela define mais de uma coisa, deixa de ser ilha. *Não seriam os continentes ilhas grandes demais? Com pontos demais? Deleuze nos dá a noção dessa ação: cada tipo de ilha nos faz pensar apenas uma coisa, mesmo que seja oposta ao pensamento que outra ilha traria:*

³ Podemos destacar a construção da ilha flutuante de garrafas PET de Richart (Rishi) Sowa ou ainda a Palm Island construída em Dubai.

Esses dois tipos de ilhas, originárias ou continentais, dão testemunho de uma oposição profunda entre o oceano e a terra. Umas nos fazem lembrar que o mar está sobre a terra, aproveitando-se do menor decaimento das estruturas mais elevadas; as outras lembram-nos que a terra está ainda aí, sob o mar, e congrega suas forças para romper a superfície. (DELEUZE, 2014 p.17)

Há três surgimentos, em três tempos diferentes, da Ilha Käio. Cada um deles pontua algo novo. O primeiro coincide com a gênese do mundo: foi necessário a criação e a configuração inicial do material de tudo que existe para que pudesse ser criada uma ilha. Muitos meteoros precisaram cair na terra, e muitas placas tectônicas se moverem (sem considerar obviamente a interferência dos seres vivos) para que todas as peças estivessem em seu local. Todas as substâncias químicas estivessem alinhadas. ‘Patafísicamente poderíamos dizer que se trata de uma exceção, mais precisamente de uma *sizígia* um “encontro acidental dentro de um sistema” (EIRA; BRANDALISE, 2019, p.43).

Era como se ela, de repente, fosse uma bóia, pesadíssima, que acabara de incorporar restos, entulhos, vestígios, farrapos e lixos conectados por um emaranhado de nós... uma bóia que encheu-se com o suspiro do vento frio da noite - e por isso mesmo flutuava, mesmo que com todo o seu peso. Só foi preciso um pouco de ar para que flutuasse... Todo seu conteúdo estava suspenso em um estado de não-pensar. O acúmulo descartável materializou uma transgressão repentina - imbuída de vazio. (GUIDA apud. SCHWANTES, 2019, p. 82)⁴

Entre os historiadores da Ilha, há um certo desentendimento referente ao segundo surgimento. Alguns afirmam categoricamente que se deu no momento em que um jovem menino, sentado à beira do lago artificial, jogava pedrinhas (estas todas colocadas pelo primeiro surgimento em seus devidos lugares) na água. Tentava fazê-las quicar o máximo de vezes possíveis antes delas naufragarem como os asteroides naufragam em nossa atmosfera. Ao jogar uma pedra um pouco maior no lago percebeu as ondulações que provocou e se encantou - onde ela caiu adicionou mais pedras e torrões de solo.

⁴ GUIDA se refere à Carolina Guida

Eventualmente foram adicionadas sacas e mais sacas de tiririca – planta herbácea bulbosa. As sacas deram um bom volume e a elas foram adicionadas mais pedras e massas terrestres. A ilha emergia.

Uma ilha, assim como um ipuã, nasce emergindo. Terra que brota da água em meio a muito céu e pouca relva, flutuaria como uma pluma isolada da beira, se não fosse por uma pequenina ponte pela qual podemos andar. Nela se fundem o natural e o artificial, aquilo que a natureza concebeu e a humanidade criou, pairando em um lago artificial moldado pela mão humana, construído e planejado, no qual eventualmente se formaram ilhas frutos do vínculo com a terra. (LEMOS apud. SCHWANTES, 2019, p. 77)⁵

Outra versão dessa história diz que esse jovem ao invés de adicionar matéria à água, fez o oposto, escavou o acidente geológico, retirando tudo aquilo que não fosse ilha. Próximo de concluir era difícil saber o que ainda deveria ficar e o que deveria ainda sair. A matéria deveria ser deslocada para o frontispício? Era um processo do pensar: resumir ou reformular? Qual era o mínimo para uma ilha ser chamada de ilha? cinco páginas? Prosseguimos.



Figura 2 - Comentários do Google Maps. Acervo do autor

⁵ LEMOS se refere à Mile Lemos

Por fim, o último surgimento se deu no campo sígnico. A ilha Käio passou a existir como conceito. Ela foi marcada e reconhecida em uma de nossas maiores instituições cartográficas da atualidade: o *Google Maps*. Reconhecida, passou a fazer parte do mundo - ela existia como ilha antes de Caio, mas só como Ilha Käio após. A ficção se permite ocorrer aí, em um território nomeado a experiência pessoal pode ocorrer - e isto se prova pelos comentários deixados no *Google Maps* sobre o espaço “Achei bem ruim. Dei uma passada lá, tem vários nada pra fazer e os lanches são ruins. E a vista nem é tudo isso não.” (Usuário Iguanevelin três semanas atrás)

- a ilha kaio pode ser um problema quando se trata de manutenção da qualidade dos dados de uma database como a do google maps. Quando eu falei sobre a ilha para o meu irmão que é especialista em marketing digital e gestão de mídias sociais, ele ficou horrorizado e disse que isso não era arte, era só uma forma de atrapalhar o trabalho árduo de pessoas que estão focadas em indexar de forma qualificada e verdadeira, informações. Qual o mal que uma ilhota isolada faria a um sistema gigantesco de organização e nomeação do mundo conhecido? (CIDREIRA apud. SCHWANTES, 2019, p. 89)⁶

Como dito no início, este artigo assim como o objeto ao qual trata - a ilha - é circular, não é grande demais e termina antes que possa ser confundido com um continente, de corpo mais extenso.

⁶ CIDREIRA se refere à Camila Cidreira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. **Cidades Invisíveis** . São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 2ª ed.

DELEUZE, Gilles. *Causas e razões das ilhas desertas* in **A ilha deserta e outros textos. Textos e entrevistas (1953-1974)**. São Paulo: Iluminuras, 2014.

EIRA, Henrique; BRANDALISE, Isabella. **Patadesign: notas pendentes de soluções imaginárias**. Brasília: Estereográfica, 2019.

SCHWANTES, Caio Sato. **ARTE E FICÇÃO: Especulação, 'Patafísica e Utopias** . Monografia (Graduação em Artes Visuais). Departamento de Artes Visuais - Universidade de Brasília. Brasília, 2019. 88 f. Orientador: Daniel Fernandes Batista de Oliveira. Co-orientadora: Sonia Maria Caldeira Paiva.